

23.06.21
→ 19h00

T

A

G

V

MOSTRA DE TEATRO UNIVERSITÁRIO
MTU21

Como Faz a Primavera (Mostra de Processo)

GEFAC



Duas figuras diferentes no mesmo tempo; uma crise que ecoa; uma viagem de respostas onde a memória é veículo; e o regresso a um presente ressignificado pelo jogo e pela festa.

A partir daqui a viagem é deles e nossa, para nos lembrarmos dos sentidos, das relações e da brincadeira – porque é nos ciclos anteriores que vamos encontrar o que fazer no novo ciclo, o eterno recomeço que sempre chega.

Há 50 anos que o GEFAC leva a palco o povo que canta e dança Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra começou a olhar para um campo instrumentalizado pelo Estado Novo. Um percurso de gerações

Ainda o desfecho não era dado como certo quando, ao fim da tarde do dia 25 de Abril de 1974, dois elementos do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC) se deslocaram à sala de ensaios, no edifício da Associação Académica de Coimbra (AAC), para colocar uma frase na porta a anunciar que o grupo estava com a revolução. “Talvez alguns agora se riam, mas quem viveu antes de Abril sabe que para uma simples coisa como esta era preciso ter ‘tomates’”, conta Carlos Monteverde, um dos autores do letreiro, em *Bico Bico Chão* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017), livro editado para assinalar os 50 anos do GEFAC.

O episódio — assim como a história do grupo — contraria uma certa percepção de quem olha para o folclore de 1974 para trás como um campo exclusivo do regime. E é esse trabalho que leva já mais de cinco décadas, de recolha, documentação e encenação de “múltiplas manifestações da cultura popular portuguesa”, que foi reconhecido na edição de 2021 dos Prémios Europa Nostra, na categoria de serviço dedicado ao património. “O prémio é um reconhecimento por tudo o que temos feito nestes 55 anos”, introduz a presidente do GEFAC, Camila Dias. O grupo, que nasce em Coimbra em 1966 — embora tenha tido um precursor —, assumiu como missão a “recolha, estudo, investigação e difusão da cultura popular portuguesa” dentro e fora de portas, explica Carolina Rocha, uma das coordenadoras-gerais, ao PÚBLICO.

No comunicado do final de Maio em que anuncia os 24 galardoados, o Centro Nacional de Cultura — que Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra começou a olhar para um campo instrumentalizado pelo Estado Novo. Um percurso de gerações representa a Europa Nostra em Portugal — nota que o júri ficou impressionado com a “dedicação de décadas à recolha deste património português que é valioso no contexto europeu”, num momento em que “este tipo de identidade rural se encontra em risco de desaparecer em toda a Europa”. O grupo de Coimbra foi reconhecido na mesma categoria que uma artesã italiana e duas entidades — um comité cipriota e uma fundação albanesa — que se

dedicam à preservação do património. O prémio chega ao GEFAC numa altura em que o colectivo está de regresso aos palcos com Como Faz a Primavera, depois de um ano em que a normal actividade foi interrompida pela pandemia. Contra a “folclorização” “Quando surge, o GEFAC nasce “da vontade de tratar da cultura popular portuguesa de forma diferente”, conta Carolina Rocha. A ditadura tinha nos ranchos folclóricos um instrumento para que as pessoas “parecessem felizes e em festa, mas era tudo bem controlado”, sublinha. O colectivo decide não contribuir para “a folclorização da cultura popular, com muitas manifestações adulteradas”, acrescenta Camila Dias, que tem 25 anos e é doutoranda de Engenharia Biomédica. No fundo, prossegue Carolina, o papel do GEFAC foi “romper com aquilo que era espartilhado e tratá-lo como era, como manifestação cultural do povo, também muito ligada ao trabalho”. O grupo que hoje trabalha cantares, danças e teatro popular continua a cumprir essa tarefa de trabalhar a cultura popular de norte a sul do país, levando-a para cima dos palcos. Para manter essa missão de difusão, juntamente com os espectáculos, as Jornadas de Cultura Popular, que arrancaram em 1979, são a face mais visível do trabalho do GEFAC. O objectivo é “levar a todos o que se faz em Portugal, não apenas através de espectáculos, mas convidando outros grupos a trabalharem connosco, com mesas redondas, colóquios, exposições, sempre com um tema geral diferente”, explica Carolina Rocha, que tem 27 anos e é doutoranda em Biologia Marinha. A partir de certa altura, ainda pré-revolução, o GEFAC sentiu a necessidade de fazer as suas próprias recolhas, depois um trabalho inicial muito apoiado de grandes etno-musicólogos, com Michael Giacometti à cabeça. “Mas houve um intervalo muito grande nas recolhas”, diz a coordenadora-geral. Vários processos demográficos dificultavam o trabalho: a população que não emigrou foi para o litoral, os mais novos deixaram de trabalhar a terra e perdeu-se o que antes tinha passado de geração em geração. No entanto, nos últimos anos, houve regressos e grupos a serem criados para retomar esse património. “Voltámos a querer fazer recolha e fizemos um passeio etnográfico a Dão Lafões, para ir ouvir as pessoas a aprender”, diz. Depois veio 2020.

Um grupo do seu tempo

Quando Adérito Araújo chegou ao GEFAC, o grupo estava numa fase de transição. Hoje com 55 anos e professor no Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra, entrou na sala de ensaios ainda estudante, em 1986. Acabou por ficar até 2010, mas não deixa de estar atento ao trabalho que ali se faz.

Na estada no GEFAC, Adérito Araújo apanhou as mudanças de tom. “Quando entrei, ainda havia

reminiscências de espectáculos de pendor mais politizado. Nos anos 1980 já havia mais prevalência de aspectos estéticos, o que acompanha a tendência natural da cena artística portuguesa”, recorda. E se a princípio notava uma maior “tentativa de estar próximo do que se pode considerar mais genuíno”, essa preocupação “deixou de ser tão vincada e passou a prevalecer a componente artística”.

Esta corrente flutua ao sabor das pessoas que vão passando pelo GEFAC. Pela natureza estudantil da passagem por Coimbra, “as gerações mudam rapidamente e é engraçado ver a evolução do interesse de sucessivas vagas”, nota. “Costuma-se dizer que o GEFAC tem 54 anos, mas que os sócios têm sempre 25 anos”, diz.

Pela área sobre a qual se debruça, o grupo poderia deixar-se cair na tentação de se tornar conservador, teoriza o professor. “Mas a rotatividade de gerações provoca esse dinamismo. Para os mais velhos, é sempre uma surpresa ver o que fazem os mais novos, porque é sempre melhor”, elogia. “É isso que caracteriza o GEFAC”, completa: “Sendo um grupo de etnografia, é um grupo do seu tempo.”

“Mais autênticas”

O folclore não se introduziu na academia de Coimbra pelo GEFAC. Embora com uma vida breve, houve um precursor: o Grupo Universitário de Danças Regionais (GUDR). A consciência dessa precariedade levaria o grupo a festejar com um ano de antecedência o 10.º aniversário, conta ao PÚBLICO o juiz-conselheiro jubilado do Supremo Tribunal de Justiça Álvaro Laborinho Lúcio, que integrou o GUDR e tomou em mãos a tarefa de organizar os festejos. Foi uma decisão premonitória: iniciadas em 1956, as Danças Regionais cessariam a actividade em 1965, quando a reitoria decidiu impor uma comissão administrativa à Associação Académica de Coimbra.

O GEFAC nasceria um ano depois, com algum espólio e a participação de elementos do GUDR, que tinham ficado com a Tuna Académica. Laborinho Lúcio, que estava no GUDR desde 1962 e ali aprendeu a tocar concertina, conta que, a partir de certo ponto, o grupo começou a preocupar-se em fazer apresentações “mais autênticas” e menos “lúdicas”, tomando proveito de membros de várias zonas do país, “que conheciam bem o folclore da região”. “Tínhamos a consciência de que o caminho tinha de se começar a fazer”, partindo de uma “dimensão crítica de como o folclore era usado pelo regime”, diz. Mas nada disso “retira o salto qualitativo que foi depois dado pelo GEFAC, mais trabalhado e com uma exigência maior”.

Nova peça do GEFAC

As máscaras, o fim de estação e o novo ciclo

Em primeiro plano, duas figuras mascaradas. Ao fundo, na penumbra, vai marcando o tom e o compasso um trio composto por um par de guitarras e umas mãos que vão alternando entre a viola braguesa e o bandolim. A casa de partida da mais recente criação do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC), Como Faz a Primavera, foi o Nordeste transmontano e os seus rituais de máscara, com o efeito catártico que comportam, explica Patrícia Mendonça que, com Amabile Maria, coordena o teatro do grupo.

As máscaras usadas neste palco são de teatro, mas carregam consigo uma ideia de tradição popular “que, através deste jogo, da brincadeira, permitem encerrar um ciclo, que é o do Inverno, e iniciar um novo”, expõe. São também um pretexto para desenhar a dramaturgia: “Há dois velhos que não se suportam no presente, mas algo no passado era bom”, completa Amabile Maria.

“Então, há algo que acontece que permite ressignificar o presente”, diz, sobre uma criação que é assinada pelo colectivo e explicada a várias vozes.

O intervalo que vai do momento em que a semente cai ao chão até ao dia da germinação é feito de incerteza. É também essa a base deste trabalho, que olha para o Inverno como “um momento de crise no mundo rural, em que não se sabe se a semente que foi colocada na terra vai ou não dar”, explica Patrícia Mendonça, para dizer que parte desse lugar de partida não sobreviveu ao processo de criação — ou que, pelo menos, não é transmitido explicitamente em palco.

Depois de uma primeira apresentação no Teatro da Cerca de São Bernardo, em Coimbra, o GEFAC sobe também ao Teatro Académico Gil Vicente no dia 23.

Vida comunitária

A peça, que é mais feita de dança e cordas do que de deixas, integra sons de vários pontos do país. “Na verdade, as danças e a música tiveram aqui um papel mais utilitário”, descreve uma das coordenadoras gerais do GEFAC, Carolina Rocha. “Ouvimos excertos de algumas músicas, um chote, uma quadrilha, uma música que é o Rema, que é de uma população piscatória dos Açores — que fala sobre quem passa a vida a navegar, a trabalhar no mar e não sabe a que horas volta, que aqui não aparece cantada”, refere. As músicas foram criadas em diversos contextos e todas têm uma história. A quadrilha, acrescenta, era uma dança utilizada em momentos de festas, “em que as pessoas podiam estar juntas, fazer pares, divertir-se”. E surge em Como Faz a Primavera precisamente para dar força a uma situação comunitária, diz Carolina Rocha. “Um momento que contrapõe um pouco a solidão dos velhos”, acrescenta Patrícia Mendonça. Também o nome do espectáculo tem raízes na música popular portuguesa, conta Amabile Maria. “O Tempo da mocidade é uma música alentejana que fala do tempo de limpeza que a Primavera traz, do desempoeirar do Inverno”, diz Carolina Rocha, embora aqui a melodia surja despida dos versos que a acompanham. No fundo, a letra é sobre “um final do ciclo e o início de outro”, diz Patrícia Mendonça, tal como é a peça.

Camilo Soldado, Público (13 de junho de 2021)

Conceção artística GEFAC (criação coletiva) **Interpretação** GEFAC **Conceção musical** GEFAC
Figurinos, adereços e cenários GEFAC **Desenho de luz** GEFAC **MTU Mostra de Teatro Universitário**
Coprodução UC/TAGV, CITAC, GEFAC, TEUC, Thíasos **Fotografia** Cláudia Morais

Local auditório TAGV **Duração** aprox. 1h00 M6

€2

Bilheteira TAGV 1 hora antes dos espetáculos e 30 minutos antes das sessões de cinema.
Encerra 30 minutos após o seu início

www.mtu.pt

Coprodução



